

Entre o mercado religioso e a fé inclusiva: igrejas LGBT como nicho de mercado¹

Jeferson Batista da SILVA²
Jhonatas Henrique SIMIÃO³
Mariana Rodrigues da SILVA⁴

RESUMO

Este artigo tem como tema as igrejas inclusivas, denominações cristãs que acolhem a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), e as relações dessas instituições com o mercado religioso. O objetivo é analisar em que medida essas igrejas, ao oferecerem ao público LGBT uma alternativa de fé, utilizam técnicas de marketing e, como tais denominações estão inseridas dentro da teoria do mercado da religião. Já que, cada vez mais, há uma diminuição da tradição religiosa e um aumento da dinâmica de oferta e procura no campo religioso. Busca-se ainda verificar se tais igrejas podem ser consideradas um nicho de mercado: a necessidade da experiência de fé efetiva de cristãos LGBT, além de mapear as aproximações e distanciamentos do movimento cristão inclusivo e das igrejas cristãs convencionais no uso de recursos mercadológicos. Em busca de atender tais objetivos, aplica-se um método de investigação híbrido, aliando revisão bibliográfica e pesquisa documental com trabalho de campo realizado em templos inclusivos em Campinas (SP), Curitiba (PR), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).

PALAVRAS-CHAVE: LGBT; igrejas inclusivas; mercado religioso; marketing religioso; sexualidade.

Introdução

A formação das sociedades ocidentais, incluindo a brasileira, é fundamentada no cristianismo. Os ensinamentos cristãos influenciam as dinâmicas da vida social, incluindo os temas que tocam a sexualidade humana. Por meio de uma moral sexual natural, as instituições cristãs convencionais ensinam que os atos sexuais devem ser exclusivos para

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

² Bacharel em Jornalismo pela PUC-Campinas. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Estadual de Campinas, e-mail: jefersonbatista1108@gmail.com.

³ Bacharel em Jornalismo pela PUC-Campinas. Estudante do curso de Especialização em Jornalismo Científico, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, e-mail: jhonatash.henrique@yahoo.com.br.

⁴ Bacharel em Jornalismo pela PUC-Campinas. E-mail: marianar205@gmail.com.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

a procriação (ROBINSON, 2015), condenam a interrupção voluntária da gravidez, a vivência da homossexualidade, da bissexualidade, a transgeneridade, bem como qualquer outra questão de gênero que não esteja de acordo com a cisgeneridade.

Especificamente no Brasil, onde o pluralismo religioso passou a ser uma característica fundamental no campo da fé, sobretudo na virada do século XX para o XXI (STEIL, 2001), as novas igrejas cristãs, em sua grande maioria, não rompem com a tradição católica quando o tema é a moral sexual, em alguns casos, mostram-se ainda mais conservadoras e intolerantes.

Apesar disso, o pluralismo religioso permitiu também o surgimento de novas experiências de fé que buscam compatibilidade entre o cristianismo e sexualidades não heterossexuais e a transgeneridade. Entre esses movimentos religiosos, estão as igrejas inclusivas para a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), que nasceram nos Estados Unidos, na década de 1960 e encontraram no Brasil espaço para crescer no forte movimento de dissidência que é registrado entre as igrejas protestantes com viés pentecostais ou neopentecostais (ALMEIDA, 2009).

As igrejas inclusivas também começam a surgir paralelamente com uma maior visibilidade da comunidade LGBT nos anos de 1990. Para Facchini (2016), é a partir dessa década que as pessoas LGBT começam a reivindicar espaços nos ambientes religiosos brasileiros.

Concentradas, em sua grande parte, em médios ou grandes centros urbanos, as igrejas inclusivas buscam, pelo caminho da Teologia Inclusiva, promover a inserção da comunidade LGBT no ambiente religioso cristão. É preciso notar que, como no campo cristão convencional, o inclusivo também é amplo. Apesar de ser possível traçar algumas semelhanças entre as denominações, não é possível colocá-las todas na mesma caixa.

Apesar da violência motivada pela LGBTfobia ainda ser enorme na sociedade em que vivemos⁵, destacando-se nesse momento a brasileira, paralelamente, gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transsexuais e transgêneros têm se tornado foco de algumas marcas, empresas, instituições em geral, como potenciais consumidores de produtos e serviços, em uma lógica clara do capitalismo. Se a comunidade é ampla, por que não criar produtos para ela? Em junho de 2017, por exemplo, mês do Orgulho LGBT, grandes companhias como Coca-Cola, Google e Uber utilizaram símbolos como a bandeira LGBT em campanha publicitárias, gerando repercussões positivas e negativas.

Nesse contexto plural e ao mesmo tempo secular, marcado pela presença do mercado, este trabalho busca analisar as igrejas inclusivas sob a ótica mercadológica. Em outras palavras, considera-se possível aplicar a Teoria do Mercado Religioso (GUERRA, 2003) para estudar as igrejas voltadas para a comunidade LGBT.

Assim, as igrejas, ou instituições religiosas, são comparadas a empresas. Os cultos, ritos e outras atividades ligadas à fé podem ser vistas como serviços ou produtos. Líderes religiosos e pessoas que realizam um trabalho pastoral em geral, são empreendedores, sendo os fiéis, os consumidores. Vale ressaltar que este estudo, bem como a teoria do Mercado Religioso, não tem a intenção de reduzir qualquer religião ou fé a meros produtos, esse é apenas um modo de análise e investigação do campo religioso, não deixando de considerar os inúmeros elementos subjetivos que estão relacionados ao Sagrado.

Portanto, o foco deste trabalho é a seguinte pergunta: as igrejas inclusivas, ao oferecer uma experiência de fé cristã efetiva para a comunidade LGBT, estão atuando em um nicho de mercado da religião? Busca-se ainda mapear as aproximações e distanciamentos do movimento cristão inclusivo e das igrejas cristãs convencionais no

⁵ De acordo com dados do Grupo Gay da Bahia, uma das principais instituições brasileiras na defesa da comunidade LGBT, a cada 25 horas uma pessoa gay, lésbica, bissexual ou transsexual morre no Brasil vítima de violência motivada pela LGBTfobia. Ver mais: <https://oglobo.globo.com/sociedade/homofobia-mata-uma-pessoa-cada-25-horas-norte-tem-maior-indice-20819002>>

uso de recursos mercadológicos e identificar as técnicas de marketing que tais igrejas aplicam em suas atividades.

Para atender tais objetivos, aplica-se um método de investigação híbrido, aliando revisão bibliográfica e pesquisa documental com trabalho de campo realizado em templos inclusivos, nas cidades de Campinas (SP), Curitiba (PR), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), com entrevistas de membros dessas instituições. Esse processo de imersão e levantamento sobre o assunto foi realizado no período de janeiro de 2016 a dezembro de 2016, quando foi apresentado como Projeto Experimental para conclusão no curso de Jornalismo da PUC-Campinas, o documentário “Eu não vou para o céu? – A comunidade LGBT em igrejas inclusivas”⁶, que dá origem a este estudo.

1. O surgimento das igrejas inclusivas: aspectos históricos

A primeira igreja denominada inclusiva surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1960. A *Metropolitan Community Churches* (MCC)⁷ foi fundada por Troy Perry na cidade norte-americana de Huntington Park, na Califórnia. Segundo De Carvalho Ferreira (2014), Perry decidiu criar a instituição depois de desfazer um casamento heteronormativo e se assumir homossexual. Como era de família extremamente religiosa, decide então criar a MMC.

Apesar da primeira igreja voltada para o público LGBT ser criada em 1968, Cardoso (2010) afirma que a Teologia Inclusiva é bem mais antiga que isso. “... os Quackers⁸ já pregavam a Inclusão desde 1652, alargando a todos a igualdade diante de Deus” (Cardoso, 2010, p. 99). Outros teóricos ponderam que a Teologia Inclusiva utilizada hoje nas igrejas LGBT também data do fim dos anos 1960 e tem influência do movimento feminista, negro e da Teologia da Libertação⁹. “Seu pilar central encontra-se

⁶ A exibição do documentário “Eu não vou para o céu”, que contou com fomento da Fundação Roberto Marinho, foi realizada em julho de 2017 pelo Canal Futura. O filme está disponível no link: <<http://www.futuraplay.org/video/eu-nao-vou-para-o-ceu/369042/>>.

⁷ Para saber mais sobre a MCC, consultar: <<http://mccchurch.org/>>. Acesso em: 3 set. 2016.

⁸ Para saber mais sobre os Quackers, ver Punshon (1984).

⁹ Para saber mais sobre Teologia da Libertação, consultar: <www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/141.DOC>. Acesso em: 3 set. 2016.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

no amor de Deus pelo homem, amor que, embora eterno e incondicional, foi negado pelo discurso religioso ao longo de vários séculos” (Feitosa, 2011).

A Teologia Inclusiva propõe uma leitura chamada de histórico-crítica da Bíblia e diversos estudiosos têm se dedicado ao assunto. No final da década de 1990, o livro de um sacerdote católico norte-americano convidava gays e lésbicas a conhecerem verdadeiramente as Sagradas Escrituras afim de combater interpretações consideradas preconceituosas (HELMINIAK, 1998). As igrejas inclusivas são em sua maioria pentecostais e neopentecostais, mas ao mesmo tempo bastante diversas. Podem ser encontradas denominações mais abertas como a MMC (ICM no Brasil), conhecida como a igreja dos direitos humanos, em que os padrões de família, sexualidade, os preconceitos costumam ser colocados em pauta, considerando pecado apenas o sexo violento e instituições que seguem a lógica convencional, como a Cidade de Refúgio, foco de análise deste trabalho, em que os padrões de família tradicional, a castidade, o casamento e a monogamia são valorizados.

No Brasil, as primeiras denominações inclusivas surgiram na década de 1990 em um momento em que, segundo Facchini (2016), a comunidade LGBT começa a reivindicar espaços nos ambientes religiosos. Inicialmente, entre os anos de 1996 e 1997, celebrações ecumênicas inclusivas eram realizadas em grupos ativistas que, segundo Natividade (2010), chegaram a discutir questões importantes de inclusão e exclusão dentro das instituições religiosas. Poucos anos depois, a Igreja Presbiteriana Unida de Copacabana, no Rio de Janeiro, também demonstrou acolhimento da comunidade em seus cultos graças ao pastor heterossexual Nehemias Marien, que sempre se posicionou favorável à inclusão de homossexuais em suas celebrações.

Criada em 2002, em São Paulo, a Igreja Acalanto já nasceu como instituição inclusiva da comunidade LGBT, com homossexuais membros do corpo eclesial e oriundos de outras instituições tradicionais. Natividade (2010) considera a igreja, que já foi extinta, como a pioneira do segmento no Brasil. Atualmente, são várias as denominações autoproclamadas inclusivas.

Em entrevista ao *El País Brasil*, em agosto de 2016, Natividade salienta que as igrejas inclusivas cresceram fortemente no país nos últimos dez anos. Um levantamento feito a pedido da BBC Brasil¹⁰ para especialistas em 2012 apontou que, na época, havia pelo menos dez congregações de igrejas brasileiras “*gay-friendly*” no país, com mais de 40 missões espalhadas pelos estados brasileiros. A maior parte no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, com cerca de 10 mil fiéis, com predominância masculina e de diferentes níveis sociais. Somando todas as vertentes evangélicas, o IBGE apontou no Censo 2010 que 23% da população brasileira é evangélica (cerca de 40 milhões).

2. Teoria do Mercado Religioso

De acordo com Sung (2014), o sociólogo Peter Berger foi quem se propôs pela primeira vez a analisar a religião sob a perspectiva mercadológica quando estudou a secularização na sociedade norte-americana no mundo moderno capitalista, criando assim a Teoria do Mercado Religioso. Berg resolveu relacionar os temas após concluir que com a separação Estado e Igreja, colocando fim ao monopólio religioso, houve o surgimento do pluralismo como fato e de direito. Na pré-modernidade, ainda segundo Berg, não havia essa relação entre economia e instituições religiosas.

Com o secularismo, surgiram novas correntes religiosas, e a religião única é questionada e perde autoridade, já que também houveram novos sistemas promotores de sentido, gerando competição mercadológica. A religião tornou-se “item de consumo, oferecido no mercado como outra mercadoria qualquer” (GUERRA, 2003, p. 13). De modo metafórico, cultos e missas são comparados a produtos religiosos, a evangelização passa a ser entendida como marketing. Os pastores, padres e outros líderes religiosos são vendedores que lideram empresas religiosas, ou seja, igrejas. E por fim, em uma lógica de oferta e demanda, os fiéis são vistos como consumidores.

Com o pluralismo religioso e a concorrência de instituições seculares geradoras de sentido, as igrejas passam a se utilizar de ferramentas da comunicação e marketing

¹⁰ Informação retirada do *site* BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120329_igrejas_tolerancia_gays_lgb.shtml>. Acesso em: 5 set. 2016.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

para conquistar novos fiéis e fidelizá-los. Ritos de boas-vindas, e-mail marketing, redes sociais na internet e promoções passam a ser comuns no ambiente religioso contemporâneo. É comum ouvir em templos pastores ou padres dizendo para os participantes dos atos religiosos: “Da próxima vez, vocês devem trazer mais uma pessoa”.

O surgimento de igrejas específicas para determinados públicos de pessoas, com instituições religiosas que oferecem e promovem a fé para grupos excluídos de igrejas já existentes, segue uma lógica de oferta e demanda. Guerra (2003, p. 38) observa:

A diversidade ocorre devido às variações comuns à condição humana, tais como classe social, idade, gênero, experiências de vida de tipo de socialização. Essa variedade de produtos religiosos surgira por causa da inerente incapacidade de uma única organização religiosa tem de atender a tão divergentes gostos existentes no mercado. Dizendo de outra forma, o pluralismo religioso surge por causa da impossibilidade de uma mesma organização religiosa ser ao mesmo tempo sagrada e profana, conservadora e liberal, inclusiva e exclusiva, enquanto no mercado sempre existirão diferentes segmentos de consumidores com fortes preferências por cada um desses aspectos da prática religiosa.

Essas novas denominações religiosas buscam atender nichos de mercado, como acontecem com as igrejas inclusivas para a comunidade LGBT. Porém, Guerra (2003) mostra que, como as empresas não religiosas, as igrejas copiam os modos de atuação que geram bons resultados uma das outras, em busca de atrair fiéis.

A consciência dos mercados-alvos produziria uma assemelhação entre os produtos [religiosos], podemos pensar também que outro fator determinante da padronização é processo de imitação de estratégias mercadológicas que fizeram sucesso (idem, p. 50)

As igrejas inclusivas, que seguem uma vertente neopentecostal, servem para exemplificar a questão da semelhança entre denominações ligadas ao novo pentecostalismo. Voltadas para o público LGBT, tais instituições não apresentam diferenças estruturais entre as outras igrejas neopentecostais que condenam a comunidade LGBT. Os cultos são semelhantes, os espaços físicos igualmente distribuídos, os códigos de conduta e moral são parecidos e as ideias de família, castidade, monogamia também são aplicadas. Além disso, a Teologia da Prosperidade é também utilizada como um método de “barganha com Deus” (SOUZA, 2007).

Conforme mencionado anteriormente, a maior diferença entre o segmento inclusivo e o convencional no campo neopentecostal está na interpretação dos textos bíblicos em que a homossexualidade aparece. Enquanto cristãos convencionais utilizam essas passagens para condenarem a vivência LGBT, os inclusivos fazem uma nova leitura de tais textos, tirando a carga de condenação, gerando disputas de narrativas e interpretações e defendendo a compatibilidade entre ser cristão e LGBT. Para Silva, Simião e Silva (2016), as igrejas inclusivas são alternativas que oferecem ao fiel LGBT uma experiência plena de fé e com produtos religiosos capazes de atendê-los, como o casamento homoafetivo, inexistente até então nas denominações convencionais.

Como empresas especializadas no perfil LGBT, as igrejas inclusivas, geralmente fundadas por dissidentes de igrejas evangélicas tradicionais, ainda não rompem totalmente com a linha religiosa cristã. De acordo com Guerra (2003), especialização é o “processo pelo qual uma determinada firma religiosa cria um produto religioso capaz de atender as necessidades e gostos especiais de um segmento de mercado” (GUERRA, 2003, p. 56).

3. As igrejas inclusivas e o Mercado LGBT

Nos últimos anos, empresas surgiram para atender ao público LGBT, oferecendo produtos exclusivos, e outras já conhecidas também se esforçam na atenção à comunidade. Mas será que essas atitudes são de fato verdadeiras e correspondem com a visão das organizações ou são apenas para agradar parte da sociedade e entrar em uma agenda que tem sido mais popular? Será que elas conhecem a fundo esses consumidores?

O Mercado LGBT cresce à medida em que a comunidade conquista direitos legítimos na sociedade brasileira, fortemente baseada na moral cristã. Pereira, Ayrosa e Ojima (2006), ponderam, no entanto, que ao longo dos anos as empresas têm encontrado nos homossexuais uma fonte rentável de marketing. Fariam então as igrejas LGBT algo parecido, intencional ou não intencionalmente? “O estereótipo do gay de classe alta com conta bancária recheada pode até ser verdadeiro, mas descreve o grupo de forma extremamente simplista, pobre até” (idem, p. 13).

De acordo com Silva, Simião e Silva (2016), o surgimento das igrejas inclusivas pode ser caracterizado como mais um elemento que compõe o já conhecido Mercado LGBT. Outros autores também descreveram anteriormente esse fenômeno em diferentes perspectivas.

O primórdio do Mercado LGBT no Brasil, segundo Pereira, Ayrosa e Ojima (2006), deu-se na década de 1960, anos antes das primeiras denominações inclusivas chegarem ao país. “No Brasil, o potencial financeiro do segmento LGBT é estimado em US\$ 133 bilhões, o equivalente a R\$ 418,9 bilhões, ou 10% do PIB Nacional (Produto Interno Bruto)” (SCRIVANO; NETO, 2016). Nesses altos números, observa-se maior atenção aos gays do sexo masculino.

Segundo Silva, Simião e Silva (2016), essa segmentação de mercado, de certa forma, contribui para fomentar as discussões e lutas do movimento LGBT no país, mas também acentua o apelo ao consumo em uma sociedade já marcada pelo capitalismo.

4. Breve estudo de caso: Comunidade Cidade de Refúgio

Para produção do documentário, apresentado como Projeto Experimental para conclusão do curso de Jornalismo na PUC-Campinas, foram realizados levantamentos e processo de imersão dos integrantes do grupo em igrejas inclusivas brasileiras. Foram entrevistados frequentadores, pastores e estudiosos desse fenômeno religioso recente no país. As denominações visitadas para o projeto foram: Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), no Rio de Janeiro (RJ), Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional, em São Paulo (SP) e Comunidade Cidade de Refúgio, em Campinas (SP) e São Paulo (SP), e Igreja Abraça-me, em Curitiba (PR).

A Comunidade Cidade de Refúgio (CR) será utilizada neste trabalho como amostra em um breve estudo de caso na busca pelos objetivos aqui propostos, uma vez que as visitas nesta denominação foram mais frequentes, tanto na sede na capital paulista quanto na filial na cidade do interior. Ao todo foram cinco visitas de campo à unidade de Campinas e duas à unidade de São Paulo. Além disso, a escolha dessa igreja para análise

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

deu-se pelo fato de que durante as pesquisas constatou-se que a instituição era a que possuía maior estrutura física e institucional, bem como grande número de fiéis. Para uma análise mais ampla, também serão utilizados trechos de entrevistas com dois frequentadores da igreja, que foram entrevistados para produção do filme.

A CR foi fundada em 2011¹¹ por um casal de lésbicas, as pastoras Lanna Holder e Rosania Rocha, dissidentes de igrejas convencionais e que viviam até então em relações heteroafetivas. A lógica de surgimento da igreja segue a convencional no campo do novo pentecostalismo: foi criada porque Deus pediu. A cidade de São Paulo foi escolhida devido a sua importância nacional. A revelação divina é questão central na Cidade de Refúgio. No site, nas redes sociais e nos discursos de líderes religiosos durante os cultos, toda e qualquer ação é vista como inspiração de Deus. A denominação está presente em São Paulo (sede), em Brasília (DF), Campinas (SP), Praia Grande (SP), Fortaleza (CE), Londrina (PR), Natal (RN) e São José do Rio Preto (SP).

A igreja nasceu para acolher a comunidade LGBT sem deixar de lado doutrinas e costumes cristãos muito semelhantes aos de denominações neopentecostais. A principal diferença das igrejas LGBT em comparação com as convencionais – o acolhimento efetivo da comunidade – entendido, dentro da Teoria do Mercado Religioso como nicho e especialização, sempre é exposta pelos fiéis, pastores, bispos e diáconos nos cultos da CR.

Durante trabalho de campo, verificou-se que em alguns momentos, pastores ou pastoras também fazem críticas às igrejas convencionais. Nos púlpitos, os líderes religiosos e alguns fiéis da Cidade de Refúgio, chamados a falar para assembleia, sempre contam suas histórias de vida, que, de um modo geral, podem ser divididas em: oriundos de igrejas tradicionais onde sofriam preconceito, “encontraram” a Jesus Cristo na CR ou longe de Deus, em uma vida de pecado, também “encontram” na CR o caminho de Jesus Cristo, que é o caminho da santidade.

¹¹ Informações retiradas do *site* da igreja Cidade de Refúgio. Disponível em: <<http://www.cidadederefugio.com.br>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

O relato de conversão, igualmente utilizado exaustivamente em qualquer igreja convencional (Mafra, 2000), ganha na CR o caráter da identidade LGBT da pessoa. Se numa igreja convencional o fiel conta como foi seu processo de “libertação da homossexualidade” ao “encontrar” Cristo, na igreja inclusiva, utilizando-se do mesmo recurso de comoção, o fiel conta seu processo de aceitação ao “encontrar” Cristo. Os relatos testemunhais, sejam dos pastores ou de fiéis, mostram que todos são iguais e podem ter suas vidas transformadas seguindo determinada igreja. Os testemunhos têm importante papel de fidelização. Aqui vale ressaltar que o uso dos relatos testemunhais é uma prática muito antiga do cristianismo (Mafra, 2000), que ganha força com o advento neopentecostal. Empresas seculares também utilizam desse recurso em suas campanhas publicitárias, por exemplo, quando colocam como protagonistas usuários comuns da marca, serviço ou produto contando suas boas experiências.

Nas visitas, observou-se também que muitas das músicas e hinos de louvor e adoração, de cantores e compositores cristãos convencionais, são utilizados nos cultos da CR. A presença da Teologia da Prosperidade, marca registradas nas igrejas neopentecostais também está presente, sobretudo durante a parte dos cultos chamada de Dízimo e Ofertas. Geralmente administrada por uma serva ou servo¹², é feita uma fala de conscientização do pagamento regular do dízimo para manutenção da igreja. Em seguida, ao som de uma música, os presentes são convidados a colaborar, seja em uma cesta de ofertas, ou ainda fazer contribuições com o cartão de crédito ou débito.

A recepção de novos fiéis e fidelização dos já membros, é algo bastante presente na Cidade de Refúgio. As redes de sociabilidade, socialização e apoio, já tradicionais nos movimentos pentecostais e neopentecostais (ALMEIDA, 2009) são encontradas. No templo de Campinas, o cumprimento ao chegar à igreja é “a paz do Senhor, irmão/ã”. Como os frequentadores são regulares, visitantes são rapidamente reconhecidos pelos

¹² Servo é a pessoa que auxilia pastores ou outras lideranças religiosas durante os atos religiosos. O servo pode realizar as mais diversas atividades: dar boas vindas aos membros, orar por alguém durante o culto, ajudar na coleta das ofertas, ministrar falas ou até mesmo servir água para pregadores. A figura do servo está presente em diversas igrejas pentecostais e neopentecostais, além do movimento carismático católico.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

servos. Sendo assim, uma ficha cadastral é oferecida, onde deve-se colocar nome, telefone, endereço eletrônico, se pertence a outra igreja, entre outras informações.

Alguns dias depois do preenchimento de tal ficha, e-mails marketing de boas-vindas ou com a programação da igreja começam a ser recebidos. Além disso, no final do primeiro culto, são exibidos os nomes dos visitantes daquele dia, captados na ficha nos momentos pré-culto. Com seu nome exibido, é feito um cumprimento público seguido de uma mensagem dita de forma coletiva: “Sejam bem-vindos, volte sempre, dá próxima vez, traga mais gente. Passa Super Bonder, Jesus”.

A localização dos templos da CR também é pensada em busca de atrair mais pessoas. A sede da igreja está em uma movimentada avenida no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. De acordo com frequentadores, a escolha do local deu-se pelo fato da região possuir bastante pontos de entretenimento, como bares e boates, com grande número de membros da comunidade LGBT. O templo também é grande, com letreiro na fachada em cores vivas. De acordo com Almeida (2009), em estudo sobre a Igreja Universal:

Esse tipo de construção imponente nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e marketing que se articula com a presença na mídia e na esfera política, visto que para sua efetivação as igrejas evangélicas necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais. A intenção é parecer maior do que realmente é (ALMEIDA, 2009, p. 53).

Diversos membros da Cidade de Refúgio foram entrevistados. Abaixo serão apresentados dois fragmentos extraídos de entrevistas realizadas com fiéis da CR. O primeiro de uma entrevista feita com uma fiel lésbica, frequentadora da unidade de Campinas, que compartilhou sua experiência como ex-fiel de uma igreja tradicional, a Adventista do Sétimo Dia, ela também explicou sua decisão por sair da antiga denominação quando se descobriu lésbica, o encontro com sua esposa e os trabalhos que hoje realiza na Comunidade Cidade de Refúgio. Para ela, não é pecado ser homoafetiva, mas sim pertencer a um lugar que condena essa condição.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

“Eu não frequentaria novamente a igreja [Adventista]. Eu estaria embaixo de uma doutrina que não me aceita, eu estaria em pecado. Então não vou querer frequentar [...]. Eu não tenho medo de falar que a igreja que eu sirvo usa a mesma Bíblia, é a mesma palavra, é Deus falando com a gente, então não teria porque não convidar [pessoas de outras igrejas para conhecer a CR].”

Outro entrevistado, integrante da unidade paulistana da CR, contou em relato emocionante às câmeras do filme como foi expulso da igreja tradicional que frequentava, a Assembleia de Deus, e que apesar de ser muito feliz na Cidade de Refúgio, onde realiza trabalhos pastorais com seu esposo, tem muito carinho pela primeira igreja, local que ele diz que foi onde teve seu primeiro contato com Cristo e do qual só saiu pelo preconceito que sofria. Sobre a relação entre sua igreja de origem e a CR, o fiel de São Paulo afirma:

“Eu amo a minha igreja antiga [...], se eu pudesse hoje eu ainda estaria no mesmo lugar, foi a igreja que eu conheci de fato a Cristo, foi a igreja que eu pude caminhar lado a lado com Deus [...]. Eu sinto muita falta da minha igreja antiga [...]. Se eu pudesse, hoje eu estaria lá mesmo amando a igreja que eu estou hoje né, porque eu sou totalmente apaixonado pela a igreja que eu vivo hoje [...]. Se eu pudesse, com certeza, eu estaria na minha igreja antiga”.

Nos trechos acima, extraídos das entrevistas, pode-se verificar que os dois frequentadores da Cidade de Refúgio têm grande respeito por suas denominações anteriores e que, só se tornaram dissidentes, pelo fato das suas denominações de origem não aceitarem pessoas abertamente LGBT em suas comunidades. Rejeitados, excluídos ou ainda expulsos de suas igrejas convencionais, muitos fiéis encontram nas igrejas inclusivas a experiência de fé mais completa e que atendam suas necessidades, ou seja, produtos religiosos especializados à demanda.

Considerações finais

Conclui-se, portanto, que as igrejas inclusivas encontraram no campo religioso brasileiro, marcado pelo pluralismo e pela dinâmica de dissidência e união na corrente

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

neopentecostal, espaços para crescer e buscar atender ao público LGBT, sendo assim, podem ser analisadas dentro da Teoria do Mercado Religioso e consideradas como nicho de mercado, pois são instituições especializadas e buscam atender uma demanda de público.

É importante ponderar que, apesar dessa conclusão verificada com base nas análises realizadas, que as igrejas inclusivas não devem ser desmerecidas, pois, durante a pesquisa realizada, verificou-se que tais instituições oferecem auxílio religioso e espiritual aos que tiveram isso renegado anteriormente em outras instituições pelo simples fato de serem o que são. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Além disso, em nenhum momento a intenção aqui foi a de reduzir a religião a um mero produto, mas fazer uma análise do campo religioso e dessas instituições inseridas nele, isso sem deixar de lado o subjetivo relacionado ao Sagrado.

Como as empresas seculares, as denominações inclusivas reproduzem, intencional ou não intencionalmente, as fórmulas de sucesso das igrejas convencionais com cultos, atos, normas e regras semelhantes, atraindo um público ex-frequentador de templos tradicionais que querem continuar a viver uma fé cristã como antes, mas em um ambiente inclusivo e acolhedor. Sendo assim, o segmento cristão inclusivo não deve ser encarado como um concorrente direto das igrejas cristãs convencionais, pois tem uma mensagem voltada para determinadas pessoas, a comunidade LGBT como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. **A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

CARDOSO, F. **O Evangelho Inclusivo e a Homossexualidade**. São Paulo: Clube de Autores, 2010. DE CARVALHO FERREIRA, M. L. **Homossexualidade e a teologia inclusiva: um estudo de caso da Igreja Athos & Vida**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. 3., 2014, Jataí. Anais. Jataí: UFG, 2014. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(199\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(199).pdf)>. Acesso em: 3 set. 2016.

EL PAÍS. **Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa**. El País Brasil online. 31. jul. 2016. Disponível em:

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html>. Acesso em: 4 set. 2016.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Revista Pré-Univesp**, São Paulo, dez. 2016. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WTFzmuvyvIV>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FEITOSA, A. **O que é Teologia Inclusiva - Definição**. Teologia Inclusiva. 2011. Disponível em: <<http://teologiaeinclusao.blogspot.com.br/2011/01/o-que-e-teologia-inclusivadefinicao.html>>. Acesso em: 3 set. 2016.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.

GUERRA, Lemuel D. **Mercado Religioso no Brasil: Competição, Demanda e a Dinâmica da Esfera da Religião**. João Pessoa: Idéia, 2003.

MAFRA, Clara. Relatos compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6. abril 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100003> Acesso em: 10 de jul. 2017.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade**, v. 30, n.2, p. 90-121, 2010.

PEREIRA, B.; AYROSA, E. A.; OJIMA, A. S. Consumo entre gays: Compreendendo a Construção da Identidade Homossexual através do consumo. **Cadernos FGV EBAPE**. Rio de Janeiro: FGV, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/4969/3703>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SILVA, Jeferson Batista da; SIMIÃO, Jhonatas Henrique; SILVA, Mariana Rodrigues da. **Eu não vou para o céu?: A comunidade LGBT em igrejas inclusivas**. 2016. 165 p. Monografia (Conclusão de curso) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Linguagem e Comunicação, Faculdade de Jornalismo.

SOUZA, Lindolfo Alexandre. **Teologia da Prosperidade: tentativa de barganha com Deus**. *Correio Popular*, Campinas, 26 de jul. de 2007. Opinião.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição, Transformações do Campo Religioso. **Ciencias Sociales e Religião/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 3, p. 115-119, out. 2001. Disponível em:

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19418/000301876.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

SUNG, M. S. Mercado religioso e mercado como religião. **Dossiê: Religião, Mercado e Mídia**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 12, n. 34, p. 290-315, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.21755841.2014v12n34p290/6660>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

ROBINSON, Geoffrey James. **Sínodo 2015: Divórcio e homossexualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SCRIVANO, R.; NETO, J. S. **Potencial de compras LGBT é estimado em R\$ 419 bilhões no Brasil**. O Globo. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/potencial-de-compras-lgbt-estimado-em-419-bilhoes-no-brasil-15785227>>. Acesso em: 10 jul. 2016.